

LIVRO DIDÁTICO, LITERATURA E ENSINO

TEXTBOOK, LITERATURE, TEACHING

Ana Paula da Silva e Lino*

RESUMO: Este artigo faz uma análise qualitativa acerca da estrutura de exercícios do livro didático Jornadas.port, da editora Saraiva, do 6º ano do ensino fundamental. O objetivo é verificar a abordagem do texto literário nessa obra, observando o tratamento dispensado à literatura por meio das atividades relacionadas ao gênero poema. A análise fundamenta-se nas orientações dos documentos oficiais ao ensino da literatura no ensino básico e em princípios da teoria da Estética da Recepção, com o propósito de verificar se, de fato, questões sobre a literatura são exploradas a fim de formar o leitor literário e oportunizar o acesso a essa arte enquanto direito humano. Para tal, atividades em torno do gênero poema foram utilizadas como referência para tais reflexões, uma vez que, dentro da grande diversidade de gêneros literários, ele é muito recorrente nos materiais didáticos. Percebe-se, a partir deste trabalho, a necessidade de aprimorar o livro didático, importante ferramenta do trabalho docente, no sentido de aproximar o que é proposto nas recentes teorias voltadas ao ensino da literatura e nos documentos oficiais com o que se tem conseguido realizar efetivamente em sala de aula por meio da utilização desse recurso.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; literatura; ensino.

ABSTRACT: This chapter presents a qualitative analysis of Jornadas.port textbook. Published by Saraiva, Jornadas.port is addressed to students in the 6th grade of Elementary School. The objective is to examine the approach of the literary text in this work, observing the teaching approach given to literature through activities for the comprehension of poems. The analysis is based on the guidelines of the official documents to the teaching of literature in basic education as well as on principles of Reader-response criticism theory, with the purpose of verifying whether, in fact, such textbook exercises focus on the literary formation, and provide access to literature as a human right. Thus, the analysis describes activities addressed to the reading comprehension of poems in the textbook, since, within the great diversity of literary genres, poems are very often used in didactic materials. The outcome points out to the need of improving the textbook, an important tool for teachers' daily work, in the sense of approaching what is proposed by recent theories addressed to the teaching of literature and by the official guidelines with what has been achieved effectively in the classroom through the use of this resource.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual do Paraná – UEL. é professora da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, atuando na educação básica no ensino fundamental e médio. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em no ensino de língua materna e produção textual. E-mail: apsilva0608@gmail.com.

KEYWORDS: Textbook; literature; teaching.

1 Introdução

A análise de livros didáticos tem se destacado como objeto de estudo em muitas pesquisas realizadas no Brasil. Essa atenção dispensada ao tratamento desse material tem, entre outros motivos, relação com a importância e a centralidade que tal ferramenta pedagógica adquiriu no cenário das escolas públicas do país e por ser, muitas vezes, o único com o qual o aluno tem contato. Além dessa constatação, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o maior programa de distribuição de material didático do país, é permeado de interesses educacionais, econômicos, políticos e ideológicos e deve ser acompanhado uma vez que os recursos públicos destinados a esse programa devem ser revertidos em materiais de qualidade que contribuam à formação integral dos alunos.

Nesse cenário, um aspecto a ser discutido é o tratamento dispensado à literatura, já que há documentos e orientações oficiais que indicam qual a perspectiva dessa arte deve ser incorporada ao trabalho docente com o objetivo de se formar leitores críticos, cidadãos atuantes, como também para a própria formação humana, ao se reconhecer o acesso à literatura como direito de toda pessoa, como defende Candido (2004, p.191), ao afirmar que o respeito aos direitos humanos é pressuposto à formação de uma sociedade justa “e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”.

Diante disso, este estudo apresenta breve análise acerca da estrutura e de exercícios de um livro didático do 6º ano do ensino fundamental. O objetivo é descrever, de modo geral, as características deste material e analisar alguns exercícios destinados ao trabalho com o texto literário, com o propósito de trazer questionamentos que suscitem reflexões que possam permitir o aprimoramento da obra, assim como apresentar críticas que possam ajudar o professor a compreender se o material escolhido realmente atende às demandas do trabalho efetivo com a literatura e a formação de leitores literários.

2 Documentos Oficiais e o ensino da literatura no Ensino Fundamental

Ter acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade é direito de todo cidadão e a escola é a principal instituição que pode garantir a realização plena desse direito. Para isso, a legislação deve oferecer, consoante com a questão apresentada, subsídios e normativas ao trabalho escolar de forma a garantir a formação integral dos discentes. Nesse sentido, os documentos e diretrizes oficiais têm apresentado, por meio de suas normativas e orientações, caminhos para o trabalho de literatura em sala de aula ao compreenderem o acesso à literatura como um direito.

De acordo com a Constituição Federal (1988), que institui a educação como direito de todos, o ensino escolar, de acordo com o Art. 206, incisos I e II, tem como base, entre outros princípios, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, assim como a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.

Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei n.º 9.394, de 1996), denominada Lei Darcy Ribeiro, ao ratificar os princípios da Constituição brasileira, complementa-os ao determinar, entre outras ações, valores mínimos de investimento em educação por parte da União, dos estados e municípios e tornar obrigatório e gratuito o ensino fundamental tendo por objetivo a formação básica do cidadão. Nos termos desta Lei, o Art. 32 estabelece que essa formação básica compreende:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

É importante destacar o papel da literatura para possibilitar e potencializar o que se tem assumido como função do ensino, como os princípios de respeito à liberdade e estímulo à tolerância, valorização das experiências cotidianas e a relação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais para formação de um cidadão

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

crítico e atuante nas transformações sociais que almejar, destacando assim o caráter emancipatório e humanizador da literatura, uma vez que ela corresponde a uma necessidade de todos e que contribui à formação da personalidade, “porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2004, p.186).

Outro importante documento que orienta o trabalho escolar são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998. Especificamente os PCN do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa têm como objetivo serem referência às discussões curriculares, assim como contribuir para a elaboração e ressignificação de propostas didáticas com o trabalho com a língua materna. No tocante à literatura, o documento ressalta a importância de a escola oportunizar o contato do aluno com o texto literário, de modo que ele passe “da leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura” (p.71).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa do estado do Paraná (DCE), de 2008, também têm contribuído para o trabalho docente no sentido de orientar o fazer pedagógico no que se refere ao ensino da língua materna. Ao assumir uma concepção clara de linguagem pautada nas práticas sociais, o documento destaca o caráter histórico, ideológico e de poder da língua efetivamente em uso. No que se refere à literatura, o documento enfatiza a relação dessa arte como produção humana, particularmente ligada à vida social e, no tocante à sala de aula, as DCE indicam assertivamente:

(...) que o ensino da literatura seja pensado a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito, visto que essas teorias buscam formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividade que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente na práticas de leitura. A escola, portanto, deve trabalhar a literatura em sua dimensão estética. (PARANÁ, 2008, p.58)

Assim, tanto os PCN (1998) quanto as DCE (2008), corroborando com os valores expressos na Constituição brasileira e na Lei Darcy Ribeiro, enfatizam a

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

necessidade de a escola formar cidadãos críticos e atuantes que participem da construção de uma sociedade mais justa. A educação escolar deve, nesse sentido, considerar e promover a ampliação progressiva do conhecimento do aluno, garantindo a ele espaços educacionais nos quais possa posicionar-se diante de valores estabelecidos e agir para transformar a realidade social. Esses conceitos, perspectivas e abordagens devem nortear, além do trabalho do professor em sala de aula, a elaboração dos materiais didáticos que circulam nas escolas públicas de todo o país.

Isso é o que prescreve o próprio Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Coleções Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático (BRASIL, 2011). O edital do PNLD de 2014, referente à seleção da obra analisada neste artigo, pautado nas orientações dos documentos oficiais, determina princípios e critérios de avaliação ao componente curricular de língua portuguesa, salientando que o currículo para os anos finais da educação fundamental deve organizar-se de forma a garantir ao aluno “a fruição estética e a apreciação crítica da produção literária associada à língua portuguesa, em especial a da literatura brasileira” (p.69).

A chamada de consciência à especificidade do trabalho com a literatura em sala de aula constitui-se em um progresso. A referência –ainda que tímida- de orientações e normas em documentos oficiais sobre esse tema simboliza que a literatura principia a ir além das discussões, críticas e reflexões muito atreladas e, por muito tempo, restritas ao espaço acadêmico, aos programas de pós-graduação e começa a refletir em ações concretas para a melhoria e ressignificação da prática do ensino de literatura e de formação do leitor.

Esse fato aumenta a responsabilidade com o ensino e o trabalho com a literatura, principalmente ao se considerar, nas escolas públicas do país, as condições precárias de vida, no seu sentido mais amplo, da maioria do alunado brasileiro. A esse respeito, e ao discutir a relação entre os direitos humanos e a literatura, vale destacar o que Candido (2004) pontua ao explicar a diferença entre bens incompressíveis – essenciais, de sobrevivência física- e os compressíveis – não essenciais. O autor destaca que é necessário também, além da garantia da sobrevivência física, alimentar

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

o espírito. Nesse sentido, a literatura é um bem essencial à vida, logo todos deveriam ter direito à arte e à literatura.

3 Perspectiva de trabalho com o texto literário pela Estética da Recepção

As DCE, importante base de fundamentação teórica e norteadora do trabalho docente, instituem que o ensino da literatura seja orientado através dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito. Essas abordagens do trabalho com o texto literário colocam o leitor como sujeito ativo no processo de leitura e assim com papel decisivo na escrita da história literária. Hans Robert Jauss, com *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994) e Wolfgang Iser, com *O ato da leitura uma teoria do efeito estético* (1996), são os principais integrantes da vertente teórica da Estética da Recepção.

Conhecida como a escola de Constança, essa corrente destaca-se por considerar a figura do leitor na produção de sentido do texto literário. Assim, o leitor deixa de ser passivo diante da leitura e é considerado em relação constante com a obra. Nesta o mundo do autor confronta-se com o mundo do leitor, expandindo as possibilidades de significação do texto e estabelecendo-se uma relação dialógica entre obra e leitor, constituindo-se, a partir dessa relação, uma nova concepção do próprio ato da leitura.

Jauss, na década de 1960, criticou a organização dos estudos literários voltados à historiografia, “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de “vida e obra”” (JAUSS, 1994, p.7) e a função do leitor apenas no momento da recepção. Já preocupado com a questão do ensino, questionou também os métodos de trabalho com texto literário os quais assumiram uma abordagem formal e estruturalista.

A partir desses questionamentos, Jauss, em conferência proferida em 13 de abril de 1967, na Universidade de Constança, proclamou a teoria chamada de estética da recepção. Por meio de sete teses, que sintetizam a trajetória intelectual do autor e de dedicação ao estudo da literatura, propõe uma nova metodologia para trabalhar com a literatura, com destaque no papel do leitor na constituição do texto literário, sua experiência cotidiana para a compreensão e atualização da obra, e

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

destaca também, além do efeito estético do texto, no caráter social e emancipatório da literatura.

O teórico alemão Wolfgang Iser (1926 - 2007), contemporâneo e comungando a teoria de Jauss, apresenta a Teoria do Efeito. Em seu livro *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996), o autor debruça-se sobre as implicações da natureza estética da obra literária no leitor durante a recepção. Iser desenvolve os conceitos de “leitor implícito”; “estruturas de apelo” e “vazios do texto” para discutir a presença de um interlocutor na hora da escrita.

Para Iser (1996, p.73),

A concepção do leitor implícito designa então uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor. O preenchimento dessa forma vazia e estruturada não se deixa prejudicar quando os textos afirmam por meio de sua ficção do leitor que não se interessa por um receptor ou mesmo quando, através as estratégias empregadas, buscam excluir seu público possível. Desse modo, a concepção do leitor implícito enfatiza as estruturas de efeitos do texto, cujos atos de apreensão relacionam o receptor a ele.

Diante disso, o autor prevê, no ato da produção de sua obra, quem será seu possível interlocutor, seu leitor ideal e, embora seja permitido ao texto literário múltiplas interpretações, será na recepção que a ele será dada uma significação. Entretanto, essa interpretação é direcionada pelas pistas lançadas pelo texto e pelas lacunas que devem ser preenchidas de acordo com as experiências e conhecimento de mundo, valores, formações ideológicas subjacentes ao leitor.

Partindo dos pressupostos abordados pela Estética da Recepção e a Teoria do Efeito, é imprescindível considerar o papel do leitor e sua formação para realizar o trabalho com a literatura em sala de aula, assim como tais princípios devem permear e orientar a elaboração de materiais didáticos que dão suporte ao ensino dessa arte.

4 Breve apresentação do livro didático

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um dos mais antigos programas de distribuição de obras didáticas às escolas públicas de ensino

fundamental e médio. O programa de quase 90 anos iniciou-se em 1929, com outra denominação. Nesse longo percurso, várias alterações ocorrerem e, entre elas, a gratuidade do material para os alunos das escolas públicas e a escolha das coleções didáticas feita pelas escolas participantes, com a colaboração do corpo docente e dirigentes, com base na análise das informações contidas no guia de livros didáticos.

A análise em questão versa sobre o livro *Jornadas.port – Língua Portuguesa*, do 6º do ensino fundamental. A obra foi publicada pela editora Saraiva SA Livreiros Editores em 2012 para a utilização nas escolas públicas no triênio de 2014 a 2016.

Os gêneros abordados neste livro podem ser classificados, de acordo com a Tabela de Gêneros Conforme as Esferas de Circulação das DCE (PARANÁ, 2008, p. 100 a 101), como pertencentes à esfera cotidiana o gênero diário e o relato de viagem; blog, à esfera midiática; na esfera escolar, o verbete de enciclopédia; a carta do leitor e de resposta ao leitor pertenceriam à esfera imprensa; histórias em quadrinhos, conto, fábula e poema como integrantes da esfera literária/artística. Não há menção, na tabela das DCE, ao gênero classificado pelo livro como verbete poético.



Gráfico 1: elaborado a partir de tabela da DCN (2008) de Língua Portuguesa, p.100-101.

Observa-se, a partir do gráfico acima, que há o predomínio dos gêneros da esfera de circulação literária no livro analisado. Tal constatação do repertório de gêneros disponíveis poderia indicar que há uma tendência ao trabalho com o literário. No entanto, esses gêneros são apresentados apenas como pretexto ao trabalho com os conteúdos mais tradicionais de língua portuguesa, como as classes de palavras.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

5 Apresentação e análise do poema

A análise versa sobre a organização da unidade intitulada *Peraltices com palavras* e, especificamente, sobre atividades com o poema *O trem*, de Roseana Murray - autora de destaque na poesia infantojuvenil brasileira, bastante recorrente nas coleções de material didático.

Zilberman (2016) comenta sobre a importância da autora e do legado dos poetas pertencentes à década de 1980 e 90 para a poesia infantil que cresce em quantidade e qualidade. A produção literária de poesia para a infância consolida um estilo, cativa e assegura um determinado público e renova a própria literatura. Diante dessas produções, o gênero lírico populariza-se entre os leitores juvenis.

Dos três únicos poemas que estão na íntegra na unidade analisada do livro, dois são de Murray. Nesse aspecto, é importante considerar que a grande recorrência dos mesmos autores e suas obras nos livros didáticos torna-se uma estratégia inadequada da escolarização da literatura porque, segundo Soares (2006), se oferece aos alunos um círculo restrito de autores e obras, quando a produção literária infantil é próspera e diversificada.

Isso é o que acontece no livro analisado: não há diversificação de autores, estilos e exemplos de poesias. Aliás, além do poema *O trem*, de Murray, e de dois outros poemas na íntegra, o livro didático só apresenta fragmentos de poemas utilizados para a resolução de exercícios.

Ao lado do acesso ao livro na biblioteca escolar, ao lado da leitura de livros promovida em aulas de Português, a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. Certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nesta instância que ela tem sido mais inadequada. (SOARES, 2006, p.25).

O poema *O trem* servirá de pretexto para boa parte das atividades propostas e a literatura passa a integrar o material didático como subterfúgio ao estudo da estrutura do gênero discursivo e do que poderia ser chamado de análise linguística. Embora, em vários casos, aspectos formais do texto poético se relacionam aos padrões da escrita, não se pode desconsiderar que a composição verbal e a seleção

de recursos linguísticos são determinadas por questões estéticas e de sensibilidade do poeta.

Figura 1: poema O trem, de Roseane Murray, publicado no LD, p.238

O trem

Vai que vai, vem que vem,
faz o balanço do trem.
A menina, com o nariz
achatado na vidraça
enlaça a paisagem
com seu olhar encantado.

Vem também, vem também
faz o balanço do trem
Na bolsa a menina leva
pérolas coloridas
girassóis e margaridas,
anões de voz fina
e afinadas flautas mágicas.

Você vem, você vem,
faz o balanço do trem.
É que a bolsa é cheia de sonhos,
alegres e tristonhos,
e ninguém sabe para onde leva
a menina balançando
no coração do trem

Vai que vai, vem que vem,
vem também, vem também
Você vem, você vem
– Faz o balanço do trem.

Roseana Murray. *Fardo de carinho*.
Belo Horizonte: Lê, 1987.

238

Antes do início das atividades do poema, há uma série de perguntas na seção *Antes de ler* que funciona como estratégia de motivação à leitura. Todavia, só uma dessas perguntas é recuperada na seção *Nas linhas do texto* e refere-se à hipótese levantada sobre o título, como se observa no exercício 1.

Figura 2 imagem de exercícios retirados do livro *Jornadas.port*, 2012, p.239

EXPLORAÇÃO DO TEXTO

Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Nas linhas do texto

1. Sua hipótese sobre o assunto do poema se confirmou? De que trata o poema?
2. O poema “O trem” é composto de versos e estrofes.
 - a) Quantos versos há na primeira estrofe?
 - b) Que informação nos trazem os versos da primeira estrofe?
3. Como a menina olha a paisagem? Encontre um trecho do poema que confirme sua resposta.
4. Qual a estrofe que traz a informação sobre os itens que a menina leva na bolsa?
5. Identifique e copie no caderno os versos que explicam que há uma justificativa para a menina carregar na bolsa esses itens.

Verso é cada linha de um poema.
Estrofe é um grupo de versos separado dos demais por um espaço.

Roseana Murray
Nascida no Rio de Janeiro, em 1950, Roseana Murray é formada em Literatura e Língua Francesa. Publicou seu primeiro livro infantojuvenil (*Fardo de carinho*), em 1980. Tem mais de 50 livros

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Essas primeiras atividades trazem questões apenas sobre o que o poema diz e trata. Mesmo quando a pergunta é sobre a hipótese levantada pelo aluno, prevalece o sentido do texto, tratado como único, descaracterizando a possibilidade da polissemia, questão fundamental da linguagem literária. Aqui há presença de um leitor passivo que está a serviço do texto e não há espaço para que o aluno torne-se também produtor de sentido.

Já o exercício 2.a é apenas de reconhecimento dos aspectos formais da poesia, a análise é meramente estruturalista. O aluno só precisa contar números de versos e estrofes e apresentar o resultado. Observado apenas o enunciado, não há espaços à reflexão da forma enquanto também elaboradora de sentido. Essa atividade é mecânica e poderia ser aplicada em qualquer exemplo de poema, ou seja, é mero reconhecimento de estrutura sem relacioná-las aos outros elementos constituintes da linguagem literária. Quando o aluno responde o exercício 2.b, novamente o que prevalece é somente o que o texto traz. O papel do leitor enquanto participante e também responsável pelo sentido é desconsiderado. Diante desses exercícios, há total inércia do aluno. O que importante é tão somente o que o texto diz e ao aluno fica uma imagem deturpada, errônea do que é o texto literário e sua função.

Subjacente a tais atividades está uma perspectiva ultrapassada do texto literário. Apenas o reconhecimento das estruturas formais e a não consideração do papel do leitor diante da obra, é importante observar, retoma o que, ainda na década de 1960, Jauss (1994) já criticava como um método tradicional da abordagem do texto literário. Partindo desse princípio, os exercícios expostos representam um retrocesso ao que diz respeito ao ensino da literatura e a formação do leitor literário.

Na sequência, exercícios voltam a focar o que o texto exprime e pedem ao aluno comprovação. O copiar para responder é mais importante do que levantar a reflexão sobre o porquê do olhar encantado da menina. O exercício 3 exemplifica essa análise e reforça a ideia de que as atividades são automáticas, pois basta ao aluno voltar à primeira estrofe do texto e copiar literalmente os quatro últimos versos. Isso é reforçado quando o enunciado traz “Como a menina olha (...)” (verbo olhar) e no poema há “seu olhar” (substantivo). O aluno só precisa encontrar as palavras sinônimas. Não há, mais uma vez, reflexão sobre o texto literário, seus efeitos de

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

sentido nem atividades que desenvolvam a leitura crítica, emancipatória e humanizadora, como defende Candido (2004).

As mesmas discussões feitas na análise do exercício 3 valem para o exercício 4. Novamente o aluno só precisa encontrar no poema o trecho que corresponde ao enunciado da atividade e dizer que é a segunda estrofe. O uso da expressão “que a menina leva” da pergunta e o verso “Na bolsa a menina leva” seguem a mesma lógica do exercício anterior.

Os verbos no imperativo “identifique” e “copie”, presentes no enunciado do exercício 5, reforçam a não participação do aluno na construção de sentido do texto e da exploração dos possíveis significados. Aliás, nessa altura, os alunos já percebem que cada exercício corresponde a uma estrofe do poema e isso reforça o caráter mecânico das atividades: eles já sabem intuitivamente onde “procurar” a resposta. O texto literário serve apenas como pretexto à realização de exercícios que não cobram reflexão, criticidade e leitura enquanto produção de sentido. Os exercícios são desestimulantes e não despertam o prazer pelo literário.

Além disso, a atividade 5 é mal elaborada porque, se até o momento não houve a discussão e a reflexão do poema, o aluno condicionado a fazer a relação de palavras sinônimas, terá dificuldade em entender o que realmente se espera que ele copie, pois a questão 5 deveria ser respondida extrapolando a materialidade linguística.

Outra parte do livro didático que chama bastante a atenção é a parte em que dois fragmentos são apresentados: um de notícia e a segunda estrofe do poema O trem. Os exercícios apresentados cobram conhecimento sobre a pontuação do texto em prosa e do em verso, como mostra a atividade 6.

Figura 6 imagem de exercícios retirados do livro Jornadas.port, 2012, p.242

6. Volte aos fragmentos 1 e 2 e observe a pontuação.
- Quantas frases declarativas e quantos pontos há no fragmento 1?
E quantos versos e quantos pontos há no fragmento 2?
 - Imagine que os versos do fragmento 2 fossem escritos como duas frases, sem quebrar a linha em cada verso:

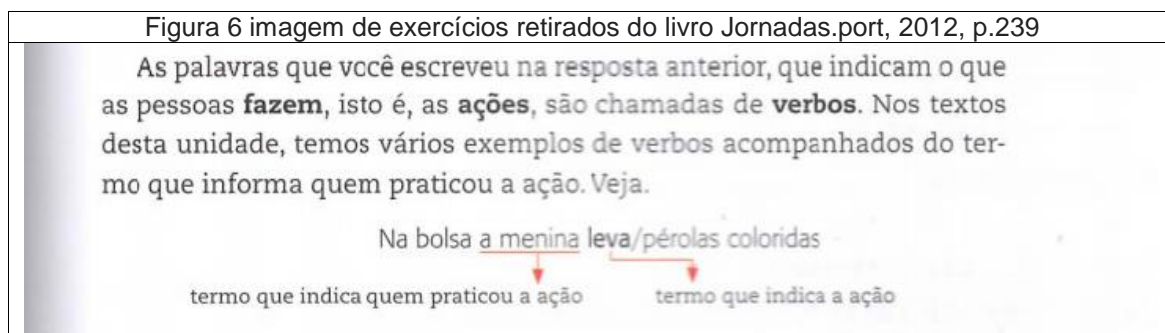
Vem também, vem também/faz o balanço do trem
Na bolsa a menina leva/pérolas coloridas/girassóis e margaridas/
anões de voz fina/e afinadas flautas mágicas.

Nesse caso, quantos pontos finais deveriam ser acrescentados?
 - A pontuação em poemas não precisa obedecer às regras da norma-padrão, que recomenda usar ponto no final de cada frase. Em sua opinião, por que isso acontece?

A questão 6.a pede apenas a contagem de pontos. O enunciado 6.b, muito confuso e muito sem sentido, (des)orienta o aluno a mudar a estrutura do poema ao propor que ele considere os versos agora como frases e, finalmente, o 6.c traz primeiro o termo norma-padrão, que marca o lugar discursivo e ideológico da perspectiva adotada no trabalho com a linguagem; depois, sem reflexão alguma, joga ao aluno a responsabilidade de responder uma questão complexa e sobre a qual não há nenhuma reflexão realizada na unidade do livro.

Ainda no capítulo analisado, depois dessa primeira parte, há uma ruptura com o trabalho proposto até então e há a apresentação de uma classe gramatical. Nesta parte, um verso é usado para conceituar verbo e a poesia passa a ser utilizada para fins meramente gramaticais, perdendo todo seu aspecto lúdico, de ritmo que poderia levar o aluno a experimentar a linguagem literária e assim despertar o gosto pela leitura.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO



Outra atividade que chama atenção é quando o livro propõe grupos de frases para que o aluno responda se as ações expressas pelos verbos indicam ação. O grupo 2 é composto por três frases soltas.

Figura 7 imagem de exercícios retirados do livro Jornadas.port, 2012, p.252

3. Leia.

<p>Grupo 1</p> <p>"Um anjo todo molhado/Soluça no seu flautim." "As molas rangem sem fim."</p>	<p>Grupo 2</p> <p>Poemas são palavras postas em música. Poema é música que se faz com palavras. O trem parecia lento.</p>
<p>Grupo 3</p> <p>Na quarta-feira, o sol aparece forte e não chove no norte do Maranhão e do Piauí, no nordeste da Bahia, no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, em Alagoas, em Sergipe e na maior parte de Pernambuco. [...]</p> <p>Disponível em: <http://www.climatempo.com.br/previsao-do-tempo/regiao/ne/nordeste>. Acesso em: 24 nov 2010.</p> <p>Pela segunda vez este ano, nevou na região serrana do Rio Grande do Sul. A queda de neve foi confirmada pelo Instituto Nacional de Meteorologia em Cambará do Sul [...]</p> <p>Disponível em: <http://www.climatempo.com.br/destaques/2010/08/03/nevou-e-pode-nevar-mais-ate-amanha>. Acesso em: 24 nov 2010.</p>	

Percebe-se claramente que há uma relação forçada com o trabalho com o gênero poema e o conceito de verbo. Para minimizar a total desvinculação, há o uso das palavras poema e trem nas frases para mascarar uma continuidade temática.

Diante das atividades apresentadas, fica o questionamento de como tem sido realizado o processo de escolarização da literatura através do livro didático. É importante destacar que esse processo é inevitável pela própria constituição e função

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

da instituição escolar e não há, dessa forma, como evitá-lo. No entanto, como defende Soares (2006, p.22), é preciso que essa escolarização não seja de forma

[...] inadequada, errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

6 Considerações Finais

Observa-se que é necessário proporcionar ações que melhorem e cobrem qualidade do material didático principalmente na apreensão das recentes teorias educacionais que representam o que deve e como ser ensinado nas aulas de língua materna e, em específico, em relação à literatura, tão descaracteriza pela inadequada escolarização, principalmente no livro analisado. Esse ponto é de extrema importância quando se verifica que o livro didático é, muitas vezes, o único a que o aluno tem acesso durante sua formação e também porque há altos investimentos de recursos públicos na aquisição desse material. Dessa forma, é preciso que tais recursos sejam revertidos em materiais de qualidade, que contribuam à formação integral dos estudantes.

É preciso considerar também que ao professor cabe uma postura crítica diante do material e, ao refletir sobre ele, o docente deve ressignificá-lo, já que tem autonomia e autoridade conquistadas pela formação teórica de traçar estratégias para que possa ser oportunizado aos pequenos leitores em formação o contato efetivo com a literatura e sua fruição estética. Assim, destaca-se que o livro didático deve ser apenas uma ferramenta de apoio- e com qualidade- e o professor deve ampliá-lo em seu trabalho diário e constante para que ao aluno seja garantido o direito humano à literatura.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p. disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>
Acesso em: 05 nov. 2016.

BRASIL. *Edital de Convocação para Inscrição no Processo de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014 – Ensino Fundamental*. Brasília: 2011.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Lei número 9394*, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:_____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas cidades, 2004. P.169 -191.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. *Jornadas. Português – Língua Portuguesa*, 6º ano. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa*. Curitiba, 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *Parecer sobre a obra 'Receita de olhar'*. Disponível em: <www.fnlij.org.br>. Acesso em: 04 nov. 2016.

Recebido em: 02/09/2019.

Aprovado em: 10/12/2019.